



CONSELHO DE CLASSE PARTICIPATIVO E PROCESSO FORMATIVOS: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DA ENGENHARIA

Maria C. Fortes – carolina.fortes@passofundo.ifsul.edu.br

Claudio A. L. de Oliveira – claudio.oliveira@passofundo.ifsul.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense
Estrada Perimetral Leste, 150
99064-440 – Passo Fundo - RS

***Resumo:** O presente artigo, busca relatar uma experiência pedagógica no Ensino da Engenharia Mecânica e Civil e do Curso Técnico em Engenharia Mecânica, desenvolvida no IFSul Campus Passo Fundo. A referida experiência trata da prática reflexiva e dialógica, que se dá através de Conselhos de Classe Participativos. Busca-se mostrar o significado dessa prática no contexto da formação docente continuada, bem como seus reflexos na melhoria dos índices de sucesso e permanência dos estudantes no curso. Tal experiência pauta-se na compreensão teórica dialética, a qual tem como fundamento propor uma formação totalizante e emancipada, tendo a reflexão como ponto estruturante.*

***Palavras-chave:** Conselho de classe, Formação, Emancipação.*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é motivado pelo desejo de mudanças no processo de ensino no campo das engenharias e dos Cursos Técnicos no IFSul Campus Passo Fundo, tais mudanças direcionam para a ampliação dos índices de permanência e sucesso dos acadêmicos que ingressam nas áreas em pauta. Acredita-se que se pode construir um espaço de valorização da diversidade cultural e de reconhecimento dos saberes dos alunos e professores, por meio do diálogo formativo possibilitador da construção de novos conhecimentos.

Particularmente compreendemos que ser educador é ter a capacidade de acreditar na diferença, questionar, reconstruir e aprender na profissão, na vida. É interligar o nosso projeto de vida com o projeto de vida da instituição educativa em sintonia com os de nossos alunos, pois ambos se completam.



Toda a dinâmica da ação educativa e com maior ênfase, da ação educativa institucionalizada, deriva do projeto ou proposta que anima, impulsiona, organiza e conduz. Valem as instituições educativas pela proposta pedagógica que veiculam e, a que fornecem as condições de realização (...)" (Marques, 1990: 132-133).

Nesse sentido acredita-se que o Conselho de Classe é um espaço coletivo de reflexão e análise das práticas pedagógicas, que possibilita a avaliação diagnóstica. Tem a função de aglutinar os diferentes olhares dos professores e dos alunos acerca dos processos de ensino e de aprendizagem, permitindo análises globais e coletivas de cada turma e de cada aluno em relação às práticas desenvolvidas.

Historicamente, o conselho de classe realizado nas escolas, sempre foi motivo de inquietação, pois somente os professores reuniam-se para discutir o processo educativo, como únicos detentores do saber. Dessa forma, havia bastante resistência e descrédito, até mesmo pelos próprios professores que o realizavam. Alguns chegavam a referir-se a este momento, como sendo um momento de catarse, em que dividiam os problemas e, conseqüentemente, não se encontravam culpados, ou a vítima era sempre o aluno, excluindo-se qualquer responsabilidade ao professor ou a instituição de ensino. Neste contexto, os professores atendiam com mais eficiência à dimensão instituída, os alunos ideais e não reais. Na concepção que defendemos o Conselho de Classe é o espaço pedagógico que aproxima alunos e professores de uma realidade concreta de saberes e não saberes. Portanto, é investigativo/transformador, pois prevê a participação dos alunos e dos docentes na definição da avaliação, análise dos resultados, problemas levantados e metas de solução a serem seguidas de forma comprometida pelos resultados, fracassos e aprendizagem. Dessa forma, torna-se um espaço de reflexão pedagógica em que os alunos e professores, situam-se conscientemente no processo, servindo para reorientar a ação pedagógica.

Nessa perspectiva o Conselho de classe se constitui um espaço de formação docente, pois assume o caráter reflexivo na prática e da prática pedagógica. Concordamos com Vasconcellos (2003) que, não basta um novo discurso para mudar as práticas de avaliação. O que altera é a ação, pois é através de atividades que os/as sujeitos marcam sua ação no mundo. Para o bem ou para o mal. Cabe, em sua concepção, elaborar um conjunto de propostas para começar a mudança. Entretanto, também não basta qualquer prática, fortalecendo o discurso lamentável que alguns professores/as têm, de que, basta de tanta teoria, agora é a vez da prática. Entendemos que, é no espaço escolar que a estreiteza entre teoria e prática precisa ser



visível e ainda ser defendida. “Daí a necessidade de construirmos coletivamente nossos referenciais, logo, as práticas devem ser eivadas pela reflexão” (p.25). Para ele, é necessário, mudar tanto a concepção de avaliação quanto sua prática, por um processo de sucessivas aproximações, construindo uma práxis transformadora.

A práxis enquanto uma atividade específica do ser humano, é essa articulação viva entre ação e reflexão; é a ação informada pela reflexão, conhecimento, fins, estratégias e a reflexão desafiada pela ação, como todo seu enraizamento histórico social. Tratam-se de duas modalidades de atividades, que não podem ser fundidas, mas que também não podem ser isoladas, sob pena de cairmos na abstração estéril (verbalismo) ou na ação cega (ativismo). O campo da articulação da ação e da reflexão é justamente o esforço de transformação da realidade (VASCONCELLOS, 2003, p.26).

Steck, Redin e Zitkoski (2008) na obra *Dicionário Paulo Freire*, escrevem que, práxis no pensamento freiriano é um conceito básico que perpassa toda a sua obra. Sendo indissociável do pensamento, da análise e da compreensão do papel da educação na sua totalidade. Está ainda segundo os autores, intimamente ligada aos conceitos de dialogicidade, ação-reflexão, autonomia, educação libertadora, docência.

Deve-se entender a atividade humana na sua plenitude quando manifesta, pois, a unidade dialética do pensar e do ser. Nesse contexto, práxis assume uma dimensão histórica que busca compreender o homem e o mundo em permanente processo de transformação. A ação do homem sobre o mundo a partir de sua compreensão origina uma forma de ser intrinsecamente ligada ao pensar. A práxis torna-se um produto sócio histórico próprio do homem consciente que faz da sua presença no mundo uma forma de agir sobre o mesmo. Paulo Freire aplica esta dimensão à educação: o homem educa-se em totalidade num constante processo de devenir, em comunhão com os outros, dizendo sua palavra sobre o mundo. Dizer a palavra é definir o seu lugar na história (STECK, REDIN & ZITKOSKI, 2008, P.333).

Esse trabalho, cujo objetivo é relatar como se instituiu no IFSul Campus Passo Fundo o Conselho de Classe, o qual apresenta uma discussão de cunho prática-teórica - prática, de uma práxis, na concepção e na ação do Conselho.

2 O CONSELHO DE CLASSE COMO ESPAÇO FORMATIVO NO IFSUL CAMPUS PASSO FUNDO



No IFSul – Campus Passo Fundo, ocorrem dois conselhos de classes no decorrer do semestre – final da primeira etapa letiva¹ e ao final da segunda etapa letiva. Cada conselho de classe é constituído de três momentos: seminários avaliativos nas turmas, coordenados pelos representantes de turmas; reunião com os professores de cada turma e respectivos representantes, supervisão pedagógica e coordenação do curso e retorno desse processo às turmas. Esse momento é compreendido de grande importância para a maioria dos professores, como expressam²:

“Eu acho que é muito importante ouvir os alunos, mas alguns professores não levam aquele momento tão a sério. Não refletem muito sobre o que o aluno está falando. Mas eu reflito: ‘Será que não tem razão?’”. Mas será que eu não posso mudar o ou melhorar alguma coisa no aspecto que eles estão colocando. Eu acho importante. Os alunos precisam ter esse momento para colocar essas questões” (Profa. Joana).

“Gosto do conselho de classe e acho que mostra claramente que o nosso curso é constituído na grande maioria de professores homens. Ah, mas eles não se aproximam dos alunos. No conselho de classe, a gente vê claramente o contrário, os professores sabem quem são os alunos, falam o nome, onde trabalha. No que contribuí como crescimento docente? Eu não sei, mas acredito contribuir de alguma forma, é mais fácil trabalhar com o aluno real, aí você sabe como abordar o conteúdo. E o conselho possibilita conhecer melhor o aluno a partir do olhar de todos os professores da turma” (Prof. João).

“Outra coisa interessante que ocorre no conselho de classe é a possibilidade de escutar os alunos sobre se o professor está bem ou não, que o professor tem algumas dificuldades, isso acaba sendo pontual na formação de um professor. Quando ele escuta uma observação negativa, principalmente, ele volta para a sala de aula e tenta resgatar aquela deficiência” (Prof. Pedro).

As narrativas acima ressaltam que, para os professores desta pesquisa, o conselho de classe contribui de forma significativa para o processo reflexivo sobre as suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, Vasconcellos (2003) reafirma a importância desse espaço pedagógico no contexto educacional, definindo-o como,

¹ O semestre letivo é composto por 200 dias letivos, o final da 1ª etapa ocorre ao completar 100 dias letivos, e a segunda etapa, quando completar 200 dias, ou seja, no final do semestre letivo.

² Os nomes dos professores não são reais.



[...] momentos privilegiados para uma reflexão coletiva sobre a prática escolar, propiciando o fortalecimento do comprometimento com a mudança e com a melhoria do processo do ensino e da aprendizagem. Não são espaços de “acertos de contas”, nem de exportação de preconceitos; ao contrário, de busca de alternativas, através da visão de conjunto, permitindo outros olhares, a inauguração de outras possibilidades para o enfrentamento das dificuldades (individuais e coletivas) apresentadas (VASCONCELLOS, 2003, p. 70).

No processo de observação da pesquisa, foi possível reafirmar o conselho de classe como espaço que contribui na constituição de saberes da docência, pois, através do caráter dialógico, leva à reflexão como estratégia na busca de alternativas para a superação de conflitos pedagógicos.

Essa constatação pode ser exemplificada por meio das expressões registradas em reunião de conselho de classe, realizada em maio de 2011:

“A turma Z está com muitas dificuldades, possivelmente, uma das causas é que a maioria ficou muito tempo sem estudar, são alunos trabalhadores, adultos, trabalham à noite e têm pouco tempo para estudar. Diante dessa realidade, entendo que vou precisar mudar a metodologia, forma de avaliação e cronograma das atividades. Assim, vou flexibilizar os conteúdos, pois são muito densos. Penso que poderíamos analisar como integrar melhor os conteúdos para que encontrem sentido no que estão estudando” (Diário de Campo: anotação de 21/05/2011).

“Percebi que a turma vinha com dificuldades, agravadas pela falta de tempo para o estudo, então discutimos na reunião de quarta-feira (reunião pedagógica) e definimos que seria melhor mudar a metodologia. Agora a turma tem mais tempo para fazer exercícios em aula, isso permite que os alunos descubram as suas dificuldades em aula, possibilitando aí a minha intervenção” (Diário de Campo: anotação de 21/05/2011).

No entanto, esse espaço é também formativo, pela necessidade de desenvolver a habilidade de gerenciar a contradição inerente a essa colegialidade, como o registro abaixo, referente à turma abordada anteriormente:

“A turma não dá retorno, brincam e não levam a sério. Diante disso, acho que não devo mudar nada. Eles não querem aprender, não sei o que fazem aqui” (Diário de Campo: anotação de 21/05/2011).



“Eu discordo colega, acredito que debes repensar tua prática, pois, se estão desinteressados, é porque alguma coisa não está fazendo sentido para eles, tem que considerar que essa turma é diferente da turma da manhã, eles são adultos e trabalham depois que saem daqui, na sua maioria” (Diário de Campo: anotação de 21/05/2011).

Aí intervém o coordenador do curso, numa postura respeitosa e democrática: “Penso que precisamos ouvir a turma para sentir deles como estão vendo suas dificuldades” (Diário de Campo: anotação de 21/05/2011).

Esses diálogos pedagógicos que se estabelecem nas reuniões do conselho de classe nos mostram que, em uma instância colegiada que, de um lado, se reduz, em grande parte, a um mecanismo de reforço das tensões e dos conflitos, com vistas à manutenção da estrutura vigente, tornando-se peça chave para o fortalecimento da fragmentação do trabalho pedagógico; e, por outro lado, pode ser concebido como uma instância colegiada que, ao buscar a superação da organização pedagógica determinista e prescritiva, se preocupa com os processos avaliativos capazes de reconfigurar o conhecimento, rever as relações pedagógicas e contribuir, para alterar a própria organização do trabalho pedagógico, pois

é nesse contexto que emerge a importância do **conselho de classe** como espaço de diálogo entre diferentes posturas e posicionamentos dos diferentes profissionais, possibilitando que os pontos de vista sejam relativizados, diminuindo, assim, os erros de avaliação que tanto tem prejudicado os alunos – especialmente aqueles das camadas populares – e permitindo a produção de conhecimentos mais próximos do real (DALBEN, 2004, p. 73). [grifo nosso].

Assim, considero o conselho de classe como momento de reflexão, que encaminha para definições objetivas de “como” acompanhar e aperfeiçoar o processo do ensino e da aprendizagem, bem como diagnosticar os seus resultados e atribuir-lhes valor. Também, explicita as concepções de avaliação presentes nas práticas dos professores, possibilita, portanto, a ampliação da capacidade de leitura coletiva da prática, alterando, se necessária, as relações no interior da instituição, procurando conhecer, cada vez mais, o aluno e a realidade que o integra.

Portanto, a reunião do conselho de classe se configura em um espaço, onde os sentidos de ser docente se afirmam e mobilizam para a constituição de saberes, visto que a avaliação dos processos pedagógicos, vivenciados por professores e alunos, colocam aspectos que validam a experiência refletida, encaminhando sempre para um novo desafio, uma nova construção. Esse processo avaliativo



também encaminha para uma docência emancipada, na qual novos caminhos são apontados e novas escolhas se revelam, constituindo, assim, a dialética constitutiva dos saberes da docência.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas aprendizagens permitiram-nos um (re)significar nos “que-fazer da vida”, permitindo-nos entender a importância do olhar docente pesquisador, que a prática reflexiva do conselho de classe propicia. Nesta perspectiva Freire (2000) anuncia, como um processo de ação educativa e auto-educativa, de conhecimento e de anúncio: “Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (p. 32). Também aprendi a cultivar a esperança no profundo sentido do ato de pesquisar, proposto por Fischer (2000) ao dar a devida atenção à condição reflexivo-solidária como prática permanente.

Diria que nos tornamos seres de diálogo com nossos objetos de pesquisa na medida em que, ao longo do trabalho investigativo, explicitamos – em primeiro lugar para nós mesmos – os pressupostos que sustentam nosso fazer investigativo. Ao mesmo tempo, há que se exercer o diálogo com nossos pares, não só na etapa de construção de projetos, mas ao longo do processo e, depois, na socialização dos resultados (p. 9-10).

Nesse sentido, as aprendizagens da docência constituídas ocorrem na processualidade e na complexidade. Elas são de ordem dos **saberes práticos**, pois estão intimamente ligados ao labor, aos saberes sobre o trabalho e às funções dos professores. E é através do cumprimento dessas funções que eles são mobilizados, modelados, adquiridos, como tão bem o demonstram nas narrativas sobre as ações pedagógicas – reuniões pedagógicas, formação pedagógica, conselho de classe e sala de aula -, em especial evidenciando a importância que os professores dão à experiência. Esses saberes também são interativos, mobilizados e modelados no âmbito de interações entre o professor e os outros atores educacionais. Esses saberes possuem, as marcas dessas interações tais como elas se estruturam nas relações de trabalho, por isso, estão impregnadas de normatividade e de afetividade e fazem uso de procedimentos de interpretação, instáveis, complexas.

Portanto, acredita-se que processos pedagógicos dialógicos no Ensino Técnico e Superior na área das Engenharias qualificam os processos formativos, dos docentes e conseqüentemente dos estudantes, rompendo com a linearidade técnica e ampliando o conceito de formação, encaminhando para a formação emancipada e totalizante. Dessa forma, atendendo as demandas do mundo contemporâneo.



4 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALBEN, Ângela I. L. de Freitas. Os conselhos de classe e o cotidiano escolar. In: Conselhos de classe e avaliação: perspectivas na gestão pedagógica da escola. Campinas, SP : Papyrus, 2004, p.41-54.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa. 35ª ed. São Paulo: Paz E Terra, 2000.

MARQUES, M. O. *Aprendizagem: na mediação social do aprendizado e da docência*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2000.

STRECK, R. Danilo, Euclides Redin e Jaime José Zitoski (Orgs). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudança por uma práxis transformadora. São Paulo: Libertad, 2003.

BOARD OF PARTICIPATORY AND CLASS FORMATION PROCESS: AN EXPERIENCE IN TEACHING OF ENGINEERING

Abstract: *This paper seeks to report an educational experience in Teaching Mechanical Engineering and Civil and Technical College of Mechanical Engineering, developed in IFSul Campus Passo Fundo. That experience is reflective and dialogic practice that occurs through Participatory Class Councils. Seeks to show the significance of this practice in the context of continuing teacher education as well as their reflections on improving success rates and retention of students in the course. Such experience is guided on theoretical understanding dialectics, which is based proposing an overall training and emancipated, and reflection as a structuring point.*

Keywords: *Class council, Training, Emancipation.*